

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCEB

A Motricidade Fina no Pré-Escolar e no Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Ana Luísa Aires Veneza

Coimbra, 2020

Ana Luísa Aires Veneza

A Motricidade Fina no Pré-Escolar e no Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Relatório Final em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico, apresentada ao Departamento de Escola Superior de Educação de
Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do Júri:

Presidente de Júri: Proessora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira

Arguente: Professor Doutor Artur Manuel Lourenço Tavares dos Anjos Martins

Orientadora: Profprofessora Doutora Maria Madalena Belo da Silveira Baptista

“O corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem”

(OCEPE, 1997, p.58)

Agradecimentos

A elaboração e concretização deste relatório de estágio marca o final de um longo percurso cheio de emoções, que só foi possível devido a todo o apoio, atenção, amizade e palavras de conforto de algumas pessoas. Desta forma, dedico este espaço a todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui e concretizar este sonho.

Em primeiro lugar, um agradecimento aos meus pais e ao meu irmão por todo o apoio, preocupação, amor e palavras de conforto que jamais esquecerei.

Um especial agradecimento à minha orientadora de relatório final Professora Madalena Batista, pela ajuda, pelos conselhos e por todo o tempo disponibilizado.

A todos os professores da Escola Superior de Educação de Coimbra, que me acompanharam ao longo deste percurso e que com as suas observações fizeram com que elevasse o meu conhecimento e sabedoria;

Às minhas orientadoras e cooperantes de estágio do pré-escolar e do 1.º CEB, que me acompanharam com muita dedicação, empenho, gosto e amizade. Obrigada por terem partilhado experiências e ensinamentos muito importantes nos estágios e para o futuro.

A todas as crianças do pré-escolar e do 1.º CEB, que ficarão para sempre no meu coração, que me fizeram crescer e aprender. Por todo o carinho, pelas brincadeiras e pelos sorrisos.

A todas as minhas amigas e amigos, que estiveram sempre a torcer por mim.

Por fim, a todas as educadoras, professoras, crianças e alunos das instituições onde estagiei, que me ajudaram na concretização do estudo para este relatório, por me terem recebido com carinho e atenção.

A todos, o meu muito obrigada!

A Motricidade Fina no Pré-Escolar e no Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Resumo: O presente relatório final, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi concretizado com base nas práticas pedagógicas efetuadas nos estágios em Jardim de Infância, no grupo de 3 anos, e no 1.º CEB, no 3.º ano de escolaridade. Intitula-se “*A Motricidade Fina no Pré-Escolar e no Primeiro Ciclo do Ensino Básico*”, em que o principal objetivo, numa fase inicial, foi perceber a importância atribuída pela educadora e pela professora à motricidade fina, numa segunda instância avaliar o nível de desenvolvimento da motricidade fina das crianças da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, das instituições onde estagiei e, numa terceira fase planificar algumas atividades. Para perceber o impacto das atividades que planifiquei voltei a verificar, nas mesmas situações, se as crianças haviam melhorado o seu desempenho.

As várias expressões têm um papel muito importante na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º CEB, pois é a partir destas áreas que as crianças e os alunos desenvolvem a sua motricidade, mas também a autonomia, a comunicação, a imaginação e a criatividade. A coordenação motora fina é a capacidade de utilizar os vários movimentos, como escrever, pintar, desenhar, recortar, encaixar, montar e desmontar, abotoar e desabotoar, usando o cérebro, os músculos e as articulações.

A Motricidade Fina é fundamental para a interação da criança com o meio envolvente e acontece sempre que a criança usa e se relaciona com diferentes objetos. O seu desenvolvimento acontece desde o nascimento. Acima de tudo, é importante deixar a criança explorar, descobrir e experimentar novas formas de utilizar diferentes objetos adequados à sua idade.

Neste estudo de carácter exploratório, que implicou uma vertente de intervenção, ao comparar os desempenhos das crianças, dos dois grupos, nas três situações de avaliação, pude constatar que houve uma melhoria significativa. Deste modo, independentemente do fator maturação que, sem dúvida, teve alguma influência, posso inferir que as atividades desenvolvidas potenciaram o desenvolvimento da motricidade no grupo do Pré-Escolar e no grupo do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este estudo reforça que é essencial proporcionar às crianças em idade pré-escolar e no primeiro ciclo do ensino básico atividades de Motricidade Fina.

Palavras-Chave: Motricidade Fina, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Title Fine Motor Skills in Pre-schoolers and in the First Cycle of Basic Education

Abstract: This final report, carried out within the scope of the Master in Pre-School Education and First Cycle of Basic Education, is based on the pedagogical practices carried out in the internships in kindergarten, in the 3-year-old group, and in the 1st Cycle of Basic Education, in the 3rd year of schooling. It is entitled “Fine Motor Skills in Pre-schoolers and in the First Cycle of Basic Education”, in which the main goal, in an initial phase, was to realize the importance given by the educator and the teacher to fine motor skills; in a second instance, to evaluate the level of fine motor skills of children in Pre-School Education and in the 1st Cycle of Basic Education, of the institutions where I interned and, in a third phase, to plan some activities. In order to understand the impact of the activities I had planned, I checked again, in the same situations, if the children had improved their performance.

The various expressions have a very important role in Pre-School Education and 1st Cycle of Basic Education because it is from these areas that children and students develop their motor skills, as well as autonomy, communication, imagination and creativity. Fine motor coordination is the ability to use the various movements, such as writing, painting, drawing, cutting, fitting, assembling and disassembling, buttoning and unbuttoning, using the brain, muscles and joints.

Fine motor skills are fundamental for the child's interaction with the environment and occur whenever the child uses and relates to different objects. Their development happens from birth. Above all, it is important to let the child explore, discover and experiment with new ways of using different objects suitable for his age.

In this exploratory study which implied an intervention aspect, when comparing the performances of the children of the two groups in the three assessment situations, I could see that there was a significant improvement. Thus, regardless of the maturity factor which undoubtedly had some influence, I can infer that the applied activities potentiated the development of motor skills in the Pre-School group and in the 1st Cycle of Basic Education group. This study reinforces that it is essential to provide children of pre-school age and in the first cycle of basic education with fine motor skills activities.

Key words: Fine motor skills, pre-school education and first cycle of basic education

Sumário

INTRODUÇÃO	1
PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS DE INTERVENÇÃO (Jardim de Infância e Escola do 1º CEB)	5
PARTE II– PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
CAPÍTULO 1 – A MOTRICIDADE FINA E A DESTREZA MANUAL	29
CAPÍTULO 2 – PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA	35
CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS (Antes e Depois da Intervenção)	49
Reflexões em Torno das Avaliações Realizadas (Antes e Depois da Intervenção)	63
CAPÍTULO 4 - CONCLUSÃO	65
Conclusão	67
Referências	69
Anexos	71

Lista de Abreviaturas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

JI – Jardim de Infância

ME – Ministério da Educação

NEE – Necessidade Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

TCB – Teste Caixa de Blocos

Lista de Figuras

Figura 1: Criança a desenhar segurando a folha com uma mão.....	20
Figura 2: Criança a cortar papel usando apenas uma mão.....	20
Figura 3: Teste de Caixa de Blocos (TCB).....	34
Figura 4: Desenhos e escrita de duas crianças.....	39
Figura 5: Desenhos e escrita de duas crianças.....	39
Figura 6: Crianças a abotoar os botões do bibe.....	40
Figura 7: Crianças a abotoar os botões do bibe.....	40
Figura 8: Crianças a recortar as imagens de animais terrestres.....	41
Figura 9: Crianças a recortar as imagens de animais terrestres.....	41
Figura 10: Exposição das cartolinas.....	41
Figura 11: Construção do corpo da cegonha.....	42
Figura 12: Construção do bico da cegonha.....	42
Figura 13: Construção do pescoço da cegonha.....	42
Figura 14: Finalização da construção da cegonha.....	42
Figura 15: Construção do origami em forma de flor.....	43
Figura 16: Construção do origami em forma de flor.....	43
Figura 17: Recorte do origami em forma de borboleta.....	44
Figura 18: Construção do origami em forma de borboleta.....	45
Figura 19: Recorte do origami em forma de borboleta.....	45
Figura 20: Flor em origami.....	46
Figura 21: Borboleta em origami.....	46

Figura 22: Colagem do origami em forma de flor no cartaz.....	46
Figura 23: Colagem do origami em forma de borboleta no cartaz.....	46
Figura 24: Escrita do título “O Jardim da turma do 3º ano” no cartaz.....	47
Figura 25: Finalização do cartaz “O Jardim da turma do 3º ano”.....	47

Lista de Tabelas

Tabela 1: Desempenho das crianças do Jardim de Infância, ao nível da motricidade fina, antes da intervenção.....	53, 54
Tabela 2: Desempenho das crianças do Jardim de Infância, ao nível da motricidade fina, depois da intervenção.....	55, 56
Tabela 3: Desempenho das crianças da Escola do 1.ºCEB, ao nível da motricidade fina, antes da intervenção.....	59, 60
Tabela 4: Desempenho das crianças da Escola do 1.ºCEB, ao nível da motricidade fina, depois da intervenção.....	61

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Desempenho das crianças do Jardim de Infância, ao nível da motricidade fina, antes da intervenção.....	57
Gráfico 2: Desempenho das crianças do Jardim de Infância, ao nível da motricidade fina, depois da intervenção.....	57
Gráfico 3: Desempenho das crianças da Escola do 1.º CEB, ao nível da motricidade fina, antes da intervenção.....	62
Gráfico 4: Desempenho das crianças da Escola do 1.º CEB, ao nível da motricidade fina, depois da intervenção.....	62

INTRODUÇÃO

Introdução

O presente relatório final realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi concretizado com base nas práticas pedagógicas efetuadas nos estágios em Jardim de Infância, no grupo de 3 anos, e no 1.º CEB, no 3.º ano de escolaridade, tem como principal objetivo adquirir conhecimento sobre a importância do desenvolvimento da motricidade fina no Pré-Escolar e no 1.º CEB.

O relatório final intitula-se *A Motricidade Fina no Pré-Escolar e no Primeiro Ciclo do Ensino Básico*, em que o principal objetivo de aprofundamento do problema foi perceber o nível de desenvolvimento da motricidade fina das crianças da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico das escolas onde estagiei e intervir a esse nível.

A pouca valorização, por parte de alguns educadores e professores, pelo tema desenvolvimento da motricidade fina e pelo domínio da expressão plástica, observadas em diversas situações do meu percurso académico, fez com que tivesse interesse em desenvolver este problema. Também o facto de algumas crianças, no contexto de Jardim de Infância, evidenciarem algumas dificuldades ao nível da motricidade fina, foi um fator determinante. Assim, quis perceber as fases de desenvolvimento da motricidade fina na criança e qual o papel do jardim de infância e da escola, através da área curricular de expressão plástica para o desenvolvimento e aprendizagem neste domínio.

Segundo Guiselini (1987) é comum encontrarmos uma grande quantidade de crianças com problemas de desenvolvimento motor, pelo tempo que elas passam sentadas na escola, impossibilitadas de se movimentarem.

Ainda no âmbito da motricidade, como é referido por Papalia, Olds e Feldman “As competências motoras finas, tal como apertar os cordões dos sapatos, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar, envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos.” (2001, p.287) o que permite à criança ganhar um maior domínio de si própria.

O presente relatório encontra-se dividido em quatro partes fundamentais. A primeira parte centra-se na breve caracterização dos contextos de intervenção. Na segunda parte, a identificação/caracterização do problema em estudo, relacionada com a experiência nos estágios em Jardim de Infância e Escola do 1.ºCEB e as pesquisas realizadas antes da intervenção. Na terceira parte deste relatório, encontram-se as propostas de intervenção educativa relacionadas com o problema identificado, propostas essas implementadas no Jardim de Infância e na Escola de 1.º CEB. Por fim, na quarta parte, a apresentação e análise dos resultados obtidos através das propostas de intervenção desenvolvidas. Por último, ainda, as referências bibliográficas e os anexos necessários à fundamentação e demonstração das propostas desenvolvidas e o questionário realizado.

**PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS DE INTERVENÇÃO
(Jardim de Infância e Escola do 1º CEB)**

1. Caracterização dos Contextos de Intervenção

No presente capítulo é apresentada a caracterização dos contextos educativos. Para além da caracterização do meio e apresentação de alguns objetivos, do Jardim de Infância e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, são ainda apresentadas características das crianças dos dois grupos de intervenção.

1.1. O Jardim de Infância

Alguns objetivos que constam no projeto educativo da instituição são:

- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;
- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo aprendizagens uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de afetiva colaboração com a comunidade.

As crianças que frequentam esta instituição têm idades compreendidas entre os três meses e meio e a idade de ingresso no 1.º Ciclo do Ensino Básico. No que diz respeito aos grupos de crianças, estes são compostos, geralmente por 25 elementos e cada faixa etária tem dois grupos (A e B), sendo grupos homogêneos em relação à idade, ou seja, as crianças estão divididas de acordo com a faixa etária.

Tendo em conta que toda a ação educativa é dirigida a um conjunto de crianças/alunos com vista ao seu desenvolvimento, é importante que essas ações sejam adequadas às suas necessidades e interesses.

1.1.1. O grupo do Jardim de Infância

O grupo dos 3 anos é constituído por 25 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos de idade (ao longo do estágio a maioria das crianças completou os 4 anos), num total de 13 meninas e 12 meninos.

As crianças são, no geral, provenientes de um meio socioeconómico de nível médio. Faz parte do grupo uma criança com necessidades educativas especiais. Esta criança encontra-se bem integrada no grupo e realiza o mesmo tipo de atividades que as restantes crianças (com ajuda), embora receba apoio, uma vez por semana, de uma profissional da Educação Especial. As crianças são muito afetuosas e requerem muita atenção. São autónomas na alimentação e na higiene pessoal.

Ao nível do desenvolvimento da linguagem, a maioria das crianças compreende as mensagens que lhes são transmitidas e expressam-se bem oralmente.

Durante as primeiras semanas de observação, verifiquei que, ao nível da motricidade fina, algumas das crianças conseguem pegar corretamente numa tesoura, no entanto têm muita dificuldade em cortar os pedaços de papel e abotoar os botões do bibe. No entanto, conseguem pegar num lápis ou num marcador para desenhar ou pintar, à exceção da criança com NEE, que apresenta muitas dificuldades nesta área e precisa de apoio individualizado para desempenhar este tipo de tarefas.

Relativamente aos seus interesses, pude constatar que gostam de ouvir histórias, de desenhar, de cantar, de dançar, de andar de triciclo, de baloiço e de escorrega. O grupo, no geral, apresenta altos níveis de bem-estar e implicação em todas as atividades que desenvolve.

São crianças sociáveis e educadas, que têm conhecimento de regras de convivência. Interagem e cooperam umas com as outras, tendo já algum espírito de amizade. No entanto, são frequentes os conflitos entre elas, os quais, ainda, não conseguem resolver sem a intervenção da educadora ou algum adulto, a quem recorrem à mínima frustração que experimentam.

No entanto, existe uma criança que se destaca pelo seu comportamento, por fazer birras frequentemente e ter dificuldades em obedecer às ordens dos adultos, pelo que, a educadora tenta sempre acalmá-la.

1.2. A Escola do Ensino Básico

A Escola do Ensino Básico onde foi realizado este estudo, pertence ao concelho de Coimbra e teve, recentemente, uma intervenção camarária ao nível da sua estrutura, a qual dotou a escola de recursos físicos e materiais mais modernos.

Dispõe de quatro salas de aula, de um refeitório, de uma cozinha, de um espaço polivalente e de uma sala com função de biblioteca. Tem, ainda, três gabinetes: um para reuniões e serviços gerais, um destinado à Terapia da fala e outro para o desenvolvimento de atividades no âmbito da Terapia Ocupacional. Apresenta boas condições de acessibilidade entre os diferentes espaços. Tem uma zona coberta que garante a proteção parcial dos recreios em dias de chuva e de muito sol. Nos espaços descobertos situam-se um jardim, uma horta e um campo de jogos.

Encontra-se localizada nesta escola uma Unidade de Apoio Especializado destinada a alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico com perturbações do espectro do autismo.

A escola encontra-se numa zona considerada residencial, enquadrada nos limites da cidade e privilegiada pela proximidade a uma zona verde.

Ao nível económico é considerada uma zona média, mas com tendência para média-alta, pois considera-se uma zona nobre da periferia e a sua população está relacionada com o setor terciário.

A Escola Básica tem 4 turmas, uma de cada ano de escolaridade do Ensino Básico do 1.º Ciclo, num total de 83 alunos. A turma do 1.º ano tem 21 alunos, a turma do 2.º ano tem 22 alunos, o 3.º ano tem 21 alunos e a turma do 4.º ano tem 20 alunos.

O horário de funcionamento das atividades educativas estende-se entre as oito e trinta da manhã e as dezassete e trinta da tarde.

De acordo com os registos internos, pude concluir que o nível socioeconómico e cultural da maioria das famílias é médio-alto.

O ambiente relacional desta instituição é agradável, salutar, harmonioso, positivo, de entre ajuda e de mútua cooperação, quer entre os docentes, pessoal técnico, auxiliares, alunos e pais pois, é um dos principais objetivos da instituição – a simbiose

e o fortalecimento de relações entre toda a comunidade educativa, cujo principal lema é a inclusão.

Relativamente aos recursos materiais, apesar de ser uma escola pequena e por ser uma escola recentemente remodelada, constatei estar bem equipada de materiais necessários, bastante completa, com capacidade de resposta ao dia-a-dia.

1.2.1. O grupo do Ensino Básico

A turma do 3.º Ano da Escola Básica, tinha um total de 21 alunos, dos quais 13 eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino, com 8 anos de idade.

Faziam parte da turma, 2 alunos que apresentavam perturbações do espectro do autismo; outros dois alunos com défice cognitivo e um outro que se encontrava ainda em fase de diagnóstico. Um dos alunos encontrava-se bem integrado no grupo e realizava as suas atividades na mesma sala, embora recebesse apoio por parte de uma professora de Educação Especial ou das estagiárias. Os alunos eram, no geral, provenientes de um meio socioeconómico de nível médio-alto.

Durante o tempo em que acompanhei a turma, notei que se situava entre o nível Bom e Muito Bom, em relação ao nível de aprendizagem. No domínio do Português, grande parte dos alunos tinha algumas dificuldades em redigir uma composição. No entanto, produziam uma boa leitura de textos em voz alta. No domínio da Matemática, a maioria da turma demonstrava-se interessada e empenhada em aprender os conteúdos da disciplina e, isso, notava-se nos resultados das fichas de avaliação. No domínio do Estudo do Meio, grande parte da turma tinha bons resultados nas fichas de avaliação desta disciplina. Em relação à expressão plástica notava-se empenho e interesse de parte dos alunos, no entanto, alguns alunos tinham dificuldades em utilizar a tesoura e a fazer dobragens.

PARTE II– PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2. Procedimentos Metodológicos

2.1. Identificação do Problema

A pouca valorização, por parte de alguns educadores e professores, pelas questões de desenvolvimento da motricidade fina e pelo domínio da expressão plástica, observadas em diversas situações do meu percurso académico, durante um curso profissional e durante a licenciatura, fez com que tivesse interesse em desenvolver este problema. Neste seguimento, quis perceber como é que a área curricular de expressão plástica era rentabilizada em termos do desenvolvimento da motricidade fina, no Pré-Escolar e na Escola e como é que em termos de estágio poderia intervir a este nível.

A expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão. (ME, 1997, p. 61)

2.2. Fase Pré-Intervenção

2.2.1. Auscultação dos principais intervenientes no JI e na Escola de 1ºCEB

Nesta fase pré-intervenção, foi elaborado um questionário para ser respondido pela educadora e pela professora responsáveis pelos grupos anteriormente caracterizados. Com os questionários pretendíamos:

- Perceber se os educadores e os professores consideravam importante o desenvolvimento da motricidade fina no Pré-Escolar e no 1º CEB e;
- Verificar quais os trabalhos/atividades que são realizados no Jardim de Infância e na Escola, que possibilitam o desenvolvimento da motricidade fina na criança.

Tanto a educadora como a professora consideraram o desenvolvimento da motricidade fina relevante, alegando a educadora a sua importância para a interação da criança com o meio e para o desenvolvimento de competências de escrita. A professora salientou a sua importância como elemento facilitador da aquisição de competências nas diferentes disciplinas do 1.º CEB. De salientar que a educadora referiu não concordar com as fichas de motricidade fina para o pré-escolar, pois, segundo ela, todas as competências que se trabalham recorrendo a fichas, também podem ser desenvolvidas recorrendo a estratégias e materiais mais motivadores e apelativos para a criança. Por sua vez, a professora, considerou que as fichas de motricidade fina “são promotoras (ou devem ser) de momentos lúdicos de desenvolvimento de competências”. Finalmente, a educadora descreveu as seguintes atividades como promotoras da motricidade fina: “Enfiamentos, pintura com diferentes tipos de técnicas (esponja, pincéis, ...), grafismo, atacadores, fechos, botões, fazer sumo com espremedor, rasgar, modelar diferentes massas, entre outros.” A professora elencou as seguintes: “Tabuleiro de areia (desenho com o dedo), lixa média e fina, treino de pegar o lápis e a caneta, contorno de desenhos com colagem de lã e massas como esparguete, cotovelos e estrelinhas...”, por desencadear a criatividade

dos alunos “com aproximação a produções individuais e de grupo na dimensão da “arte”.”

2.3. Pesquisa sobre o Desenvolvimento Motor da Criança

O desenvolvimento motor da criança assenta em vários domínios e como explica Fonseca (2005) o desenvolvimento cognitivo da criança é marcado por uma história da experiência psicomotora e por um contexto sociocultural, onde o desenvolvimento do sistema motor fino tem um lugar de destaque.

O movimento é algo que surge desde que o feto cresce no útero da mãe, pois como refere Flinchum (1986), desde o nascimento, os bebés possuem atividade motora ativa, no entanto não são movimentos controlados, são reflexos involuntários, ou seja, movimentos que são executados sem qualquer finalidade, sendo estímulos normais que os bebés possuem.

O desenvolvimento motor é um processo de alterações no nível de funcionamento de um indivíduo, onde uma maior capacidade de controlar movimentos é adquirida ao longo do tempo. Esta contínua alteração no comportamento ocorre pela interação entre as exigências da tarefa (físicas e mecânicas), a biologia do indivíduo (hereditariedade, natureza e fatores intrínsecos, restrições estruturais e funcionais do indivíduo) e o ambiente (físico e sócio-cultural, fatores de aprendizagem ou de experiência), caracterizando-se como um processo dinâmico no qual o comportamento motor surge das diversas restrições que rodeiam o comportamento. (Caetano, Silveira e Gobbi, 2005, p. 6)

2.3.1. A Motricidade Fina na criança

A motricidade fina refere-se à capacidade de controlar um conjunto de atividades de movimento de certos segmentos do corpo, com emprego de força mínima, a fim de atingir uma resposta precisa à tarefa. É essencial para a interação da criança com o meio envolvente e acontece sempre que a criança usa e se relaciona com diferentes objetos. O seu desenvolvimento acontece desde o nascimento até à idade adulta.

Convém referir que cada criança tem um ritmo próprio de desenvolvimento e que as idades referidas devem apenas servir como linhas gerais de orientação, podendo não ser aplicadas a todas as crianças.

A mão, antropológicamente considerada como o meio mais eficaz de exploração do mundo exterior e também do próprio corpo, tornou-se também, um órgão de preensão e criação praxica por excelência, representando o enfoque principal da praxia fina. Paralelamente tornou-se um instrumento de preensão, forte e preciso, possibilitando a manipulação de pequenos objetos, utensílios e ferramentas, meios privilegiados de transformação da natureza e de si próprio. Assim sendo, a mão, o enfoque principal da praxia fina, é um órgão de preensão por excelência, sendo resultado de aquisições filogenéticas inerentes a adaptação. Vinte ossos unidos em uma rede complexa de tendões e músculos que atingem uma variedade de precisão sensório-motora sem limites. A mão dispõe de funções de palpação, discriminação tátil e de um repertório sem igual por qualquer outro segmento corporal, como, por exemplo: apanhar, segurar, bater, captar, catar, lançar, puxar, riscar, empurrar, etc. (Fonseca, 1988, p. 244).

Como é referido por Papalia, Olds e Feldman “As competências motoras finas, tal como apertar os cordões dos sapatos, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar, envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos.” (2001, p.287) o que permite à criança ganhar uma maior responsabilidade por si própria. Nestas atividades de apertar os cordões dos sapatos, abotoar o bibe, etc, as crianças estão a ser responsabilizadas para os cuidados do seu próprio corpo.

Segundo Meinel & Schnabel (1976), existem diferentes fases de desenvolvimento motor, entre as quais a idade pré-escolar e a primeira idade escolar, as duas fases mais importantes para fundamentar este trabalho.

A idade pré-escolar deve ser assinalada como a fase do aperfeiçoamento de múltiplas formas de movimento e da aquisição das primeiras combinações de movimento e abrange do terceiro ao sétimo ano de vida. São verificados claros progressos, especialmente nas formas dos movimentos: andar, trepar, subir, correr, pular, lançar, pegar, pendurar, balançar, rodar, rolar, carregar, bater e equilibrar.

Nesta fase, o uso da mão é caracterizado pela diminuição do movimento do ombro e cotovelo e aumento da capacidade para fazer movimentos mais refinados do pulso e dedos. A criança tem forte preferência por uma das mãos, embora possa, ocasionalmente, trocar a mão que lidera. Quando desenha, a mão que lidera irá segurar o lápis, enquanto que a mão que dá assistência segura o papel.

Acontece uma progressão em termos de desenho desde imitar linhas e desenhar um círculo incompleto, para copiar cruzeiros e passar por cima, ou contornar desenhos de quadrados e triângulos. A criança consegue representar uma figura humana rudimentar e pintar dentro dos contornos, embora ainda com pouco sucesso, consegue escrever letras e números, e ainda o seu nome. (Figura 1)

A criança consegue segurar um lápis com 3 dedos (segura o lápis com o indicador e o polegar enquanto este é apoiado pelo terceiro dedo) – preensão em tríade. Com a tesoura, já consegue fazer cortes mais pequenos e precisos, já corta com uma tesoura em linha reta e deverá conseguir recortar, ainda um quadrado. (Figura 2)



Figura 1: Criança a desenhar segurando a folha com uma mão



Figura 2: Criança a cortar papel usando apenas uma mão

A primeira idade escolar deve ser marcada como a fase dos rápidos progressos na habilidade de aprendizagem motora e abrange do sétimo ao décimo ano de vida.

Com a entrada para a escola, existem muitas mudanças em relação ao meio ambiente das crianças. Uma parte considerável do tempo dos alunos pertence, agora, à aprendizagem e às tarefas realizadas na sala de aula, no entanto, deve dar-se importância à expressa necessidade de movimento das crianças.

A aprendizagem motora é pouco desenvolvida na primeira idade escolar. Para o desenvolvimento da habilidade de desempenho motor são importantes: o aumento da capacidade de concentração e a capacidade crescente para compreensão verbal e mental da realidade.

Na primeira idade escolar, a criança, ainda apresenta grandes dificuldades motoras, como por exemplo, correr, cambalhota para a frente, etc. (especialmente nas raparigas).

As várias expressões abordadas nas OCEPE têm um papel muito importante na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º CEB pois, é a partir destas áreas, que as crianças e os alunos desenvolvem a sua motricidade, mas também a autonomia, a comunicação, a imaginação e a criatividade.

2.4. A Motricidade nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Com o objetivo de compreender de que modo a motricidade é abordada nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) foi realizada uma análise das mesmas.

O documento encontra-se dividido pelas diferentes áreas de conteúdo e pelos respetivos domínios. Existem três grandes áreas: Área de formação pessoal e social, área de expressão e comunicação e a área do conhecimento do mundo. Apesar das OCEPE estarem organizadas de forma interdisciplinar, destaca-se a área de expressão e comunicação para o desenvolvimento da motricidade fina.

Segundo o Ministério da Educação (1997) «(...) a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas, e cada uma das crianças, aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo» (p. 58)

O desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do Jardim de Infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objetos. Exige também ocasiões em que as crianças possam receber e projetar objetos – atirar e apanhar bolas ou outros materiais de arremesso, utilizando as mãos ou os pés. (Ministério da Educação, 1997, p. 59)

O Educador tem que estimular as crianças para os trabalhos de expressão plástica, apresentando diversos materiais com diferentes texturas, tamanhos, grossuras e cores para que esta área possa ser trabalhada como uma disciplina. Desta forma, Bessa (1972) comenta que “A criança procura, experimenta, descobre: é agente da própria educação; o professor estimula, organiza e acolhe. Sua atitude varia em função da criança” (p. 31).

A Área de Expressão e Comunicação é a única em que se distinguem diferentes domínios, que se incluem na mesma área por terem uma íntima relação entre si e constituírem formas de linguagem indispensáveis para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia. (ME, 2016, p. 43)

2.5. A Motricidade no Programa 1.º CEB

Durante o 1.º CEB as crianças devem desenvolver as suas capacidades motoras através da utilização de diferentes materiais e técnicas, alargando o campo de experiências e o domínio de outras linguagens expressivas.

O documento Organização Curricular e Programas está dividido em quatro Expressões, tais como, Expressão e Educação Físico-Motora, Expressão e Educação Musical, Expressão e Educação Dramática e Expressão e Educação Plástica.

A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade. A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies. (Ministério da Educação, p.89)

Para este relatório importa referir a Expressão e Educação Plástica, que está dividida em 3 blocos, o bloco 1 – Descoberta e Organização Progressiva de Volumes, o bloco 2 – Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies e, por último, o bloco 3 – Exploração de Técnicas Diversas de Expressão.

As actividades de manipulação e exploração de diferentes materiais moldáveis deverão ser praticadas, com frequência, pelas crianças no 1.º ciclo. Amassar, separar, esticar, alisar, proporcionam explorações sensoriais importantes, a libertação das tensões e o desenvolvimento da motricidade fina. (ME, p.90)

No 1.º CEB, as atividades de expressão plástica e motora são ainda importantes, embora sejam realizadas com menos frequência em comparação ao Pré-Escolar. Para contradizer a pouca realização de atividades para o desenvolvimento da motricidade fina, os professores devem realizar atividades para esse fim.

Durante o 1.º ciclo as crianças deverão, ainda, desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas, alargando o campo de experiências e o domínio de outras linguagens expressivas. Salvaguardando sempre o respeito pela expressividade plástica das crianças, essas actividades

poderão partir das solicitações e interesses dos alunos ou de propostas do professor. Estarão normalmente associadas à concretização de projectos individuais ou de grupo e, com frequência, ligados a trabalhos desenvolvidos noutras áreas. (ME, p.95)

2.6. A Expressão Plástica e o Papel do Educador e do Professor

Os Educadores de Infância e os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico têm um papel importante e essencial no crescimento e no desenvolvimento nos primeiros anos de vida das crianças, em conjunto com os pais e familiares que os acompanham. Deste modo, é muito importante a cooperação por parte do Educador e do Professor para com os familiares, para que, todos juntos, contribuam para o desenvolvimento educativo das crianças.

O Papel do Educador e do Professor foi-se alterando ao longo dos tempos, acompanhando a evolução da sociedade atual. Os Educadores e os Professores eram considerados os detentores do saber e dos conhecimentos, focando-se no desenvolvimento cognitivo das crianças e dos alunos e deixando de lado o desenvolvimento afetivo, social e motor. Hoje em dia, o Educador e o Professor têm que estar preocupados com o desenvolvimento global da criança, fazendo com que haja um equilíbrio a nível cognitivo, afetivo, social e motor, incluindo os grupos e as turmas na sociedade, abrindo as portas da sala para a comunidade escolar, familiar e outras instituições, que são uma mais-valia para o desenvolvimento das crianças.

Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar. (Bulgraen, 2010, p. 31)

2.7. A avaliação das competências das crianças em termos de motricidade fina (Grupo do JI) antes da intervenção

Durante as primeiras semanas de observação, pude observar que a motricidade fina necessitava de ser melhorada. Algumas das crianças conseguiam pegar corretamente numa tesoura, no entanto, tinham alguma dificuldade em cortar os pedaços de papel e abotoar os bibes. Consequiam pegar num lápis ou num marcador para desenhar ou pintar, à exceção da criança com NEE, que apresentava muitas dificuldades nesta área e precisava de apoio individualizado para desempenhar este tipo de tarefas. A maioria das crianças, ainda não conseguia escrever palavras em letras maiúsculas.

2.8. A avaliação das competências das crianças em termos de motricidade fina (Grupo 1º CEB) antes da intervenção

Durante as primeiras semanas de observação, consegui verificar que na turma do 3.ºano, todos os alunos escreviam corretamente utilizando o lápis e o marcador. No entanto, em relação ao aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE), conseguia escrever com o lápis, mas tinha alguma dificuldade em escrever com a caneta. A maioria dos alunos tinha alguma dificuldade em segurar e utilizar corretamente a tesoura para cortar uma folha e também dificuldade em fazerem dobragens em papel.

CAPÍTULO 1 – A MOTRICIDADE FINA E A DESTREZA MANUAL

1. Desenvolvimento da Motricidade Fina

O desenvolvimento da motricidade é feito desde muito cedo pela criança. O contato com o mundo, com o outro e os movimentos desenvolvidos desde tenra idade, já são manifestações da motricidade, como afirma Le Boulch (2001) *“a criança desde o nascimento apresenta potencialidades para desenvolver-se, mas que elas não dependem só da maturação dos processos orgânicos, senão também do intercâmbio com o outrem e que isto é da maior importância na primeira infância”* (p.5).

De acordo com Barreiros e Neto (2005), o desenvolvimento motor é um conjunto de processos sempre em mudança e que se prolonga ao longo da vida, no entanto é durante os primeiros 10 anos de vida que existem mais mudanças, sendo que de criança para criança os movimentos apresentam ritmos de desenvolvimento diferentes.

Por fim, é de salientar a importância de se proporcionar às crianças em idade pré-escolar atividades motoras de forma persistente e com intencionalidade educativa.

2. Coordenação Motora Infantil

A coordenação motora é a capacidade de sincronizar os movimentos usando o cérebro, os músculos e as articulações. A coordenação motora grossa permite que a criança rasteje, ande, corra, salte, pule, suba e desça escadas. Enquanto a coordenação motora fina permite a capacidade de usar as mãos e os dedos em movimentos delicados, como escrever, pintar, desenhar, recortar, encaixar, montar e desmontar, abotoar e desabotoar.

É no jardim de infância que a coordenação motora infantil deve ser mais desenvolvida e estimulada. O desenvolvimento da coordenação motora inicia-se desde o nascimento do bebé. O amadurecimento é essencial para que a criança consiga ter interesse pelos objetos ao seu redor e ganhe o estímulo para se esticar, para pegar, apertar e puxar. Com o passar dos meses, esses movimentos serão cada vez mais aperfeiçoados.

Alguns autores (Saraiva, Rodrigues, Cordovil, & Barreiros, 2013) sugerem que as raparigas apresentam um melhor desempenho nas habilidades de motricidade fina comparativamente aos rapazes.

3. A Destreza Manual na Criança

A destreza manual é a capacidade de fazer movimentos coordenados com a utilização das mãos e dos dedos. Nas crianças, é desenvolvido através de atividades que exijam a coordenação motora e visual.

Algumas atividades para trabalhar e desenvolver a destreza manual nas crianças são:

- Atividades de modelagem (argila, barro, areia e porcelana fria);
- Enroscar e desenroscar;
- Dobragem;
- Tocar um instrumento;
- Brincar com legos (peças de vários tamanhos);
- Colagem com cereais, pedrinhas, massas, etc.

“A mão é uma estrutura espantosa. Juntamente com o polegar, a mão permite criar, agarrar e usar ferramentas. O cérebro é uma estrutura de distinção, que permitiu aos seres humanos desenvolverem e criarem a civilização; porém, há quem dê o mesmo “crédito” à mão. Apesar de o cérebro projetar conceptualmente a civilização, a mão cria-a na realidade. Deste modo, a mão pode ser considerada uma ferramenta da expressão cerebral!” (Muscolino, 2008, p.389)

4. Avaliação da Destreza Manual nas Crianças

Para avaliar a destreza manual nas crianças, pode ser utilizado o Teste Caixa de Blocos (TCB). Este teste tem sido eficaz para avaliar a destreza manual, que se caracteriza pela capacidade de utilizar as mãos e os dedos para desempenhar uma tarefa que requer movimentos coordenados, como a manipulação de objetos.

O Teste Caixa e Blocos (TCB) foi criado para ser um teste pré-vocacional para pessoas com deficiência física. Permite avaliar e medir de forma simples a destreza manual de pacientes com problemas neuromusculares e paralisia cerebral. Idealizado e registrado em 1957 por A. J. Ayres e P. H. Buehler.

O objetivo deste teste foi avaliar o desempenho da destreza manual (Figura 3) para a faixa etária de 7 a 14 anos.

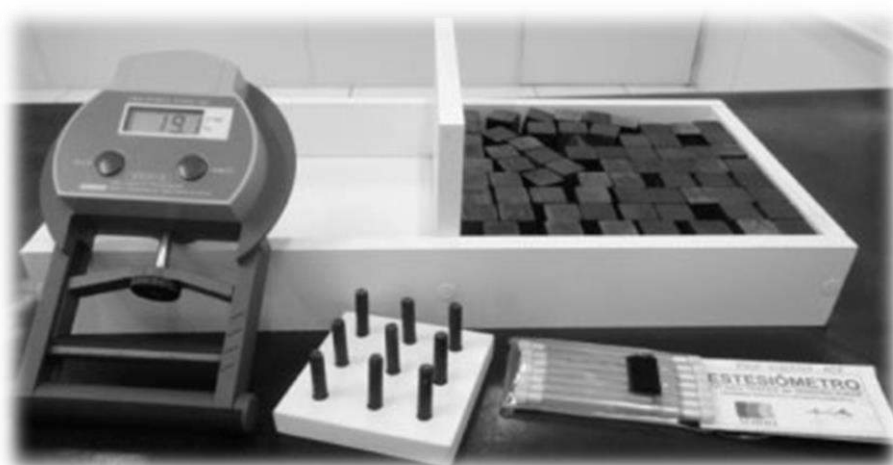


Figura 3: Teste Caixa de Blocos (TCB)

CAPÍTULO 2 – PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA

Objetivo Global

- Desenvolver a motricidade fina nas crianças do Jardim de Infância e nos alunos da Escola do 1.º CEB.

Objetivos Específicos

No Jardim de Infância

- Copiar formas em espiral;
- Abotoar os botões dos bibes;
- Utilizar corretamente a tesoura;
- Realizar colagens;
- Pintar diferentes objetos.

Na Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico

- Realizar dobragens;
- Construção de cartazes;
- Desenvolver o trabalho em grupo e equipa.

2. Propostas de Intervenção Educativa

2.1. A Intervenção no Jardim de Infância

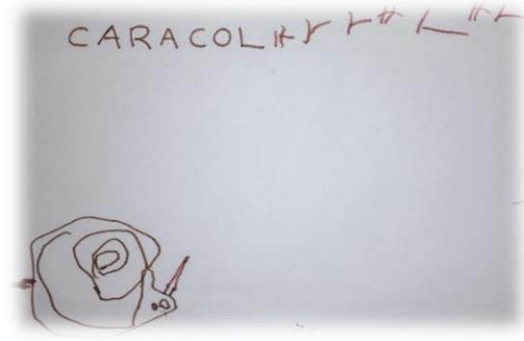
Durante o estágio no Jardim de Infância, tentei sempre ir ao encontro das necessidades e interesses das crianças. Assim, as propostas de atividades foram surgindo maioritariamente de forma espontânea. Passo a descrever as diferentes situações.

O estágio no Jardim de Infância envolveu um grupo de 25 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos de idade (ao longo do estágio a maioria das crianças fez os 4 anos), num total de 13 meninas e 12 meninos.

Situação 1

Numa ida à Feira dos 23, observei que duas crianças tinham encontrado um caracol e estavam muito entusiasmadas a chamar os colegas. Como tenho facilidade em encontrar caracóis, falei com a educadora se poderia trazer alguns e mostrar às crianças.

No dia em que levei os caracóis numa caixa de sapatos, as crianças começaram a perguntar o que era. Ficaram, todos, muito curiosos como seria de esperar. Comecei por perguntar se sabiam o que era, se gostavam, se queriam tocar. Algumas crianças pegaram neles e perguntei o que sentiam, o que eles tinham. Alguns comentários das crianças: “Ele tem pauzinhos no ar!”, “Está a sair da caixa!”, “Ficou colado!”, “É macio!”, “Tem uma carapaça!”, “É para dormir!”, “É a casa dele!”, “Eles estão a andar!”, “Estão a deixar rasto!” e “Como é que eles respiram?”. De seguida, cada criança fez um desenho dos caracóis com traçado em espiral (Figuras 4 e 5).



Figuras 4 e 5: Desenhos e escrita de duas crianças

Duas crianças, apesar de ainda terem apenas 3 anos, pediram para escrever a palavra caracol, a partir de um modelo fornecido pelo adulto em letras maiúsculas.

Situação 2

No início do estágio, verifiquei que as crianças, depois de dormirem a sesta, pediam à auxiliar ou à educadora ajuda para vestirem o bibe e abotoar os botões.

No dia seguinte, ao pensar no desenvolvimento da motricidade fina, pedi a duas crianças para se ajudarem uma à outra a abotoar os botões (Figuras 6 e 7). No dia seguinte, constatei que essas duas crianças já não pediam ajuda a um adulto, mas sim uma à outra.



Figuras 6 e 7: Crianças a abotoar os botões do bibe

Situação 3

Comecei por perguntar que tipos de animais existiam, mostrei três cartolinas de cores diferentes (azul, castanha e verde) identifiquei e escrevi algumas características do tipo de animal consoante a cor da cartolina com a ajuda das crianças. De seguida, mostrei várias imagens de animais, perguntando qual era e a que tipo pertencia e solicitei a cada criança, para tirar um animal.

De seguida, dividi as crianças em três pequenos grupos (dois grupos de 8 crianças e um de 7) correspondente ao animal que tinham escolhido. Cada criança recortou e colou o animal na cartolina correspondente (Figuras 8 e 9). Por fim, com a ajuda das crianças expus as cartolinas na parede da sala (Figura 10).

Na minha opinião, esta intervenção foi bem-sucedida, pois as crianças mostraram-se interessadas, respondendo às questões colocadas e realizando as atividades com alegria.



Figuras 8 e 9: Crianças a recortar as imagens de animais



Figura 10: Exposição das cartolinas

Situação 4

Fiz a proposta de construirmos uma cegonha. Utilizei dois balões para fazer o corpo e a cabeça, usei a técnica do balão, que consiste em colar pedaços de jornal, utilizando cola branca e, à vez, cada criança colou um pedaço de jornal do balão (Figura 11). Também usei um cone de esferovite para fazer o bico da cegonha, utilizando a mesma técnica do balão e pintaram de cor de laranja (Figura 12).

As crianças pintaram a cabeça e o corpo de branco, o bico de cor de laranja e pintaram um rolo de papel higiénico de branco para fazer de pescoço (Figura 13).



Figura 11: Construção do corpo da cegonha



Figura 12: Construção do bico da cegonha



Figura 13: Construção do pescoço da cegonha



Figura 14: Finalização da construção da cegonha

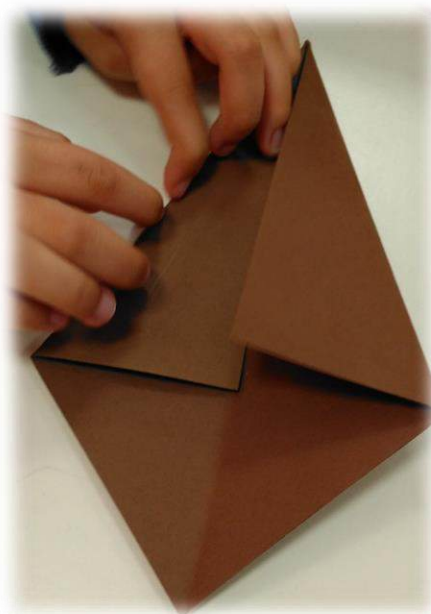
2.2. A Intervenção na Escola de 1.º CEB

Durante as primeiras semanas de observação, consegui verificar que na turma do 3ºano, a maioria dos alunos tinha alguma dificuldade em segurar/utilizar corretamente a tesoura para cortar uma folha e também a fazerem dobragens.

O estágio na Escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico envolveu um grupo que tinha um total de 21 alunos, dos quais 13 eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino, com 8 anos de idade.

Situação 1

Iniciei a intervenção com um pequeno diálogo com a turma sobre o decorrer da aula, sobre a primavera e com o que a relacionavam. De seguida, distribuí as folhas brancas e expliquei as dobragens para a construção do origami em forma de flor. Por fim, distribuí as folhas coloridas para construírem as flores finais (Figuras 15, 16 e 17).



Figuras 15 e 16: Construção do origami em forma de flor

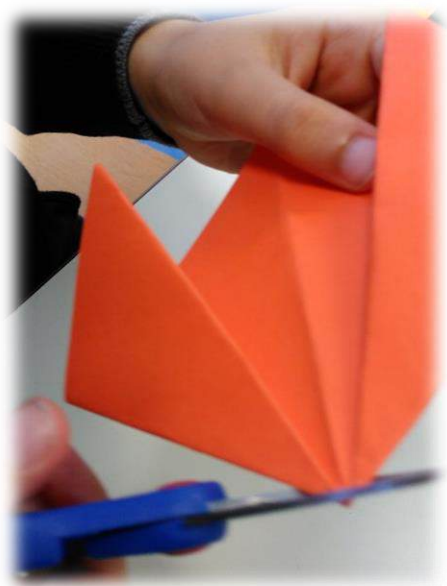


Figura 17: Recorte do origami em forma de flor

Situação 2

Noutro momento, terminei a minha intervenção com um pequeno diálogo com a turma sobre o decorrer da aula, relacionado com a borboleta (Mariposa) do Bicho da Seda, abordado no dia anterior. A seguir, distribuí as folhas brancas e expliquei as dobras para a construção do origami de borboletas. Posteriormente, distribuí as folhas coloridas para contruírem as borboletas finais (Figuras 18, 19, 20 e 21).



Figura 18: Construção do origami em forma de borboleta



Figura 19: Recorte do origami em forma de borboleta

Finalização das situações 1 e 2 em trabalho de grupo



Figura 20: Flor em origami



Figura 21: Borboleta em origami

Por fim, colaram as flores e as borboletas nas cartolinas e escreveram no cartaz “O Jardim da turma do 3º ano” (Figuras 22, 23, 24 e 25).



Figura 22: Colagem do origami em forma de flor no cartaz



Figura 23: Colagem do origami em forma de borboleta no cartaz



Figura 24: Escrita do título “O Jardim da turma do 3º ano” no cartaz



Figura 25: Finalização do cartaz “O Jardim da turma do 3º ano”

Observei que os alunos gostaram das atividades porque estavam interessados em participar. Considero que existiu uma melhoria na construção dos dois origamis, na maioria dos alunos. Escolhi realizar em primeiro lugar a flor e depois a borboleta, porque acho que a borboleta tem um grau de dificuldade maior e, assim, pude observar se tinha atingido os meus objetivos e se as crianças tinham melhorado.

Considero que, na construção do cartaz ter organizado os alunos para trabalharem em grupo, desenvolve nelas a cooperação entre os colegas e promove o espírito de entreajuda. Além disso, penso que é importante estimular o trabalho de grupo nos alunos, pois é muito importante.

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS (Antes e Depois da Intervenção)

3. Apresentação dos Resultados

O *Movement Assessment Battery for Children - Second Edition (Movement ABC-2)* foi criado por Sheila E. Henderson, David A. Sugden e Anna Barnett, no ano de 2007. Abrange crianças e adolescentes entre os 3 anos e 16 anos de idade. Os testes são realizados às crianças e adolescentes, individualmente, durante 20 a 40 minutos, com o objetivo de estudar os movimentos e a coordenação motora das crianças, analisando as dificuldades que estas possuem.

No entanto, a partir dos testes originais, tive de fazer várias adaptações, alterações e simplificações das provas, utilizando diversos materiais, que existem no dia a dia, para avaliar as crianças em idade pré-escolar e idade escolar, verificando como se encontravam ao nível da motricidade fina, em três situações.

Realizei estas alterações por motivos temporais e da dinâmica institucional.

Utilizei o sistema denominado por sistema Semáforo, que consiste na utilização de três círculos de cores diferentes (Verde, Amarelo e Vermelho) e

A cor Verde – Sem dificuldade	
A cor Amarela – Com alguma dificuldade	
A cor Vermelha – Com dificuldade	

No Jardim de Infância

No Jardim de Infância, para efeitos de avaliação do desempenho das crianças em termos de motricidade fina, introduzi na sala um mealheiro com ranhura para as moedas e oito peças de uma torre. Depois, centrei-me na observação dos momentos de brincadeiras livres das crianças e fui registando o seu desempenho. Uma outra situação de observação consistiu em observar as crianças a abotoar os bibes.

Descrição dos momentos observados:

Momento 1: Durante um momento de brincadeira observei as crianças a colocar moedas dentro de um mealheiro.

Momento 2: Durante outro momento de brincadeira observei as crianças a tentar construir torres com 8 peças.

Momento 3: No início do estágio, verifiquei que as crianças, depois de dormirem a sesta, pediam ajuda, à auxiliar ou à educadora, para vestirem o bibe e abotoar os botões.

As tabelas abaixo colocam em confronto o desempenho das crianças em três situações diferentes antes e depois das intervenções.

Antes da Intervenção

N.º de crianças	Atividade 1 Colocar moedas dentro de um Mealheiro	Atividade 2 Construir uma torre com 8 peças	Atividade 3 Abotoar os botões do bibe
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			

19			
20			
21			
22			
23			
24			
25			
Totais	N.º de Verdes - 10 N.º de Amarelos – 14 N.º de Vermelhos - 1	N.º de Verdes - 8 N.º de Amarelos – 12 N.º de Vermelhos - 5	N.º de Verdes - 5 N.º de Amarelos – 12 N.º de Vermelhos - 8

Tabela 1: Desempenho das crianças do Jardim de Infância, ao nível da motricidade fina, antes da intervenção

Depois da Intervenção

N.º de crianças	Atividade 1 Colocar moedas dentro de um Mealheiro	Atividade 2 Construir uma torre com 8 peças	Atividade 3 Abotoar os botões do bibe
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			
22			
23			
24			

25			
Totais	N.º de Verdes - 21 N.º de Amarelos – 4 N.º de Vermelhos - 0	N.º de Verdes - 19 N.º de Amarelos – 6 N.º de Vermelhos - 0	N.º de Verdes - 15 N.º de Amarelos – 5 N.º de Vermelhos - 5

Tabela 2: Desempenho das crianças do Jardim de Infância, ao nível da motricidade fina, depois da intervenção

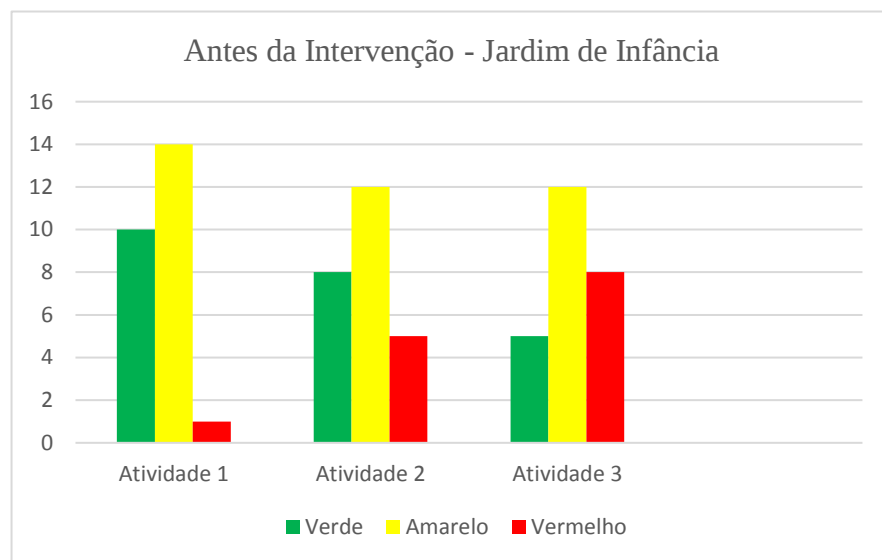


Gráfico 1: Desempenho das crianças do Jardim de Infância, ao nível da motricidade fina, antes da intervenção

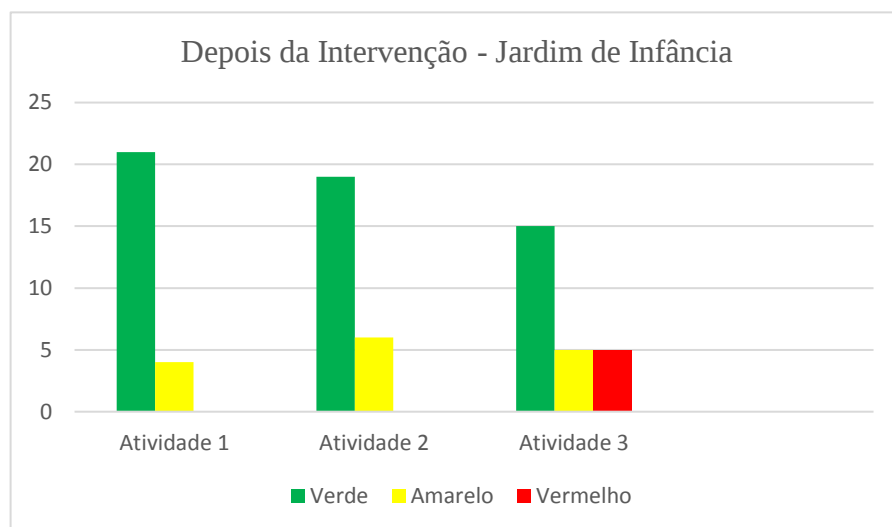


Gráfico 2: Desempenho das crianças do Jardim de Infância, ao nível da motricidade fina, depois da intervenção

Na Escola de 1.º CEB

Na Escola de 1.º CEB, para efeitos de avaliação do desempenho das crianças em termos de motricidade fina, centrei-me em duas atividades realizadas pela professora da turma e a vários pedidos de alunos para apertar os atacadores.

Descrição dos momentos observados:

Momento 1: No início do estágio, alguns alunos pediam ajuda para apertar os atacadores.

Momento 2: Durante uma atividade dinamizada pela professora, observei a utilização da tesoura para recortar linhas curvas e, assim, a dificuldade de muitos alunos.

Momento 3: Durante uma atividade dinamizada pela professora, observei a realização de um origami em forma de peixe e, assim, a dificuldade da maioria dos alunos.

As tabelas abaixo colocam em confronto o desempenho das crianças em três situações diferentes antes e depois das intervenções.

Antes da Intervenção

N.º de Criança	Atividade 1 Apertar os atacadores	Atividade 2 Usar a tesoura para cortar linhas curvas	Atividade 3 Fazer a dobragem de um peixe
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			

21			
Totais	N.º de Verdes - 10 N.º de Amarelos – 9 N.º de Vermelhos - 2	N.º de Verdes - 8 N.º de Amarelos – 10 N.º de Vermelhos - 3	N.º de Verdes - 5 N.º de Amarelos – 10 N.º de Vermelhos - 6

Tabela 3: Desempenho das crianças da Escola do 1.ºCEB, ao nível da motricidade fina, antes da intervenção

Depois da Intervenção

N.º de crianças	Atividade 1 Apertar os atacadores	Atividade 2 Usar a tesoura para cortar linhas curvas	Atividade 3 Fazer a dobragem de um peixe
1	●	●	●
2	●	●	●
3	●	●	●
4	●	●	●
5	●	●	●
6	●	●	●
7	●	●	●
8	●	●	●
9	●	●	●
10	●	●	●
11	●	●	●
12	●	●	●
13	●	●	●
14	●	●	●
15	●	●	●
16	●	●	●
17	●	●	●
18	●	●	●
19	●	●	●
20	●	●	●
21	●	●	●
Totais	N.º de Verdes - 16 N.º de Amarelos – 5 N.º de Vermelhos - 1	N.º de Verdes - 17 N.º de Amarelos – 3 N.º de Vermelhos - 1	N.º de Verdes - 18 N.º de Amarelos – 2 N.º de Vermelhos - 1

Tabela 4: Desempenho das crianças da Escola do 1.ºCEB, ao nível da motricidade fina, depois da intervenção

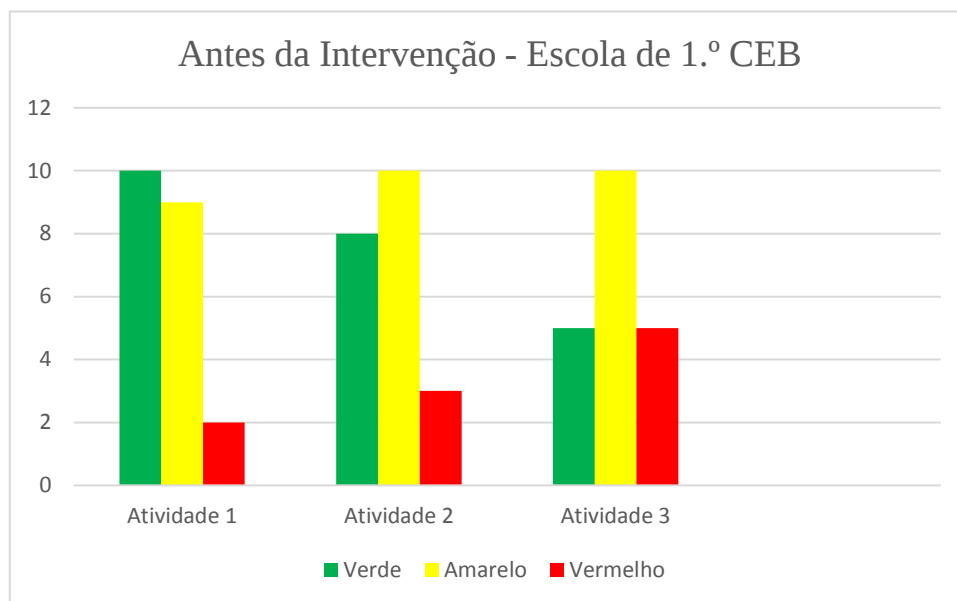


Gráfico 3: Desempenho das crianças da Escola do 1.ºCEB, ao nível da motricidade fina, antes da intervenção

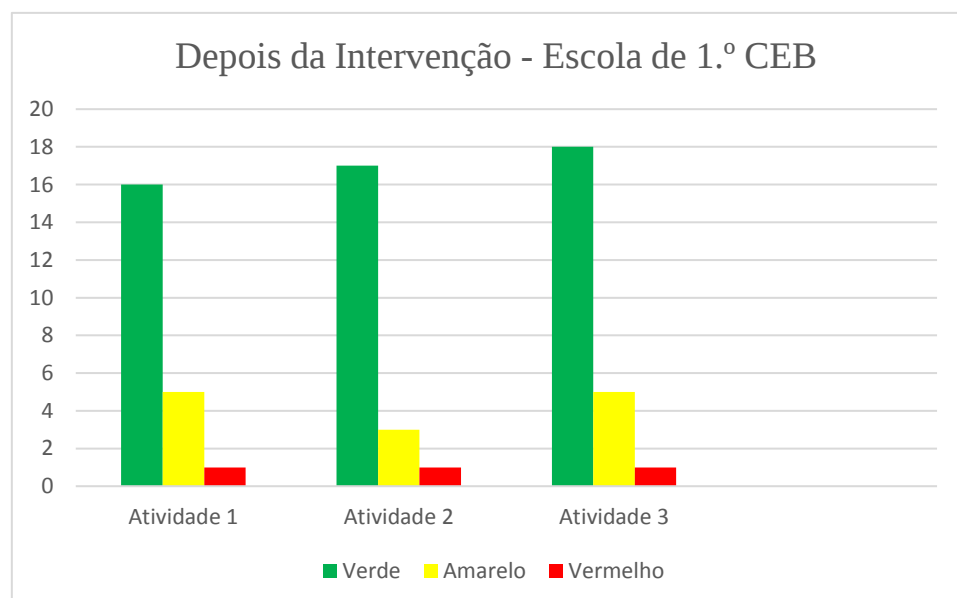


Gráfico 4: Desempenho das crianças da Escola do 1.ºCEB, ao nível da motricidade fina, depois da intervenção

Reflexões em Torno das Avaliações Realizadas (Antes e Depois da Intervenção)

Através do estudo realizado constatei, em relação ao grupo de crianças do JI que:

- Houve uma evolução significativa no desenvolvimento da motricidade fina nas três tarefas observadas, principalmente na primeira, na colocação das moedas no mealheiro, em que a maioria das crianças conseguiu realizar essa atividade sem nenhuma dificuldade, na 2ª avaliação, isto é, depois de terem colaborado em algumas atividades de expressão plástica.
- Na segunda atividade: construir torres com 8 peças, também houve uma melhoria significativa, no entanto, inferior à primeira atividade. Por fim, na última tarefa, houve alguma melhoria, mas inferior às duas tarefas, anteriormente referidas, como seria de esperar por ser a atividade mais complexa para crianças de 3 anos de idade.

Constatei, ainda, em relação ao grupo de crianças da escola que:

- Também houve uma evolução significativa, no desenvolvimento da motricidade fina nas tarefas observadas, principalmente, na última, que consistia em construir um origami em forma de peixe, em que, quase todos os alunos, conseguiram realizar essa atividade sem qualquer dificuldade. O único aluno que não conseguiu realizar essa e a outra atividade, não participou nas atividades, por mim, implementadas, estando quase sempre fora da sala de aula com uma professora de Educação Especial.
- Na segunda tarefa: recortar linhas curvas, também houve uma melhoria significativa, no entanto, inferior à última.
- Por fim, na última tarefa, houve igualmente uma melhoria, mas ainda assim inferior às duas tarefas já referidas.

Nos estágios realizados, integrei todas as crianças e os alunos nas atividades desenvolvidas, tendo sempre em consideração as suas características individuais, observadas em contexto de estágio.

A articulação da expressão plástica com outras áreas curriculares foi muito valorizada, de tal forma que, com esta estratégia de interdisciplinaridade, as crianças entendiam muito melhor os temas e os conteúdos trabalhados, como verificámos nas análises e reflexões das nossas práticas, apresentadas no quarto capítulo. Para além disto, as atividades dinamizadas no domínio da Expressão Plástica foram realizadas para despertar o interesse nas crianças e nos alunos, tornar as atividades mais lúdicas e desenvolver a motricidade fina das crianças e dos alunos de 1.º CEB.

Como é referido por Papalia, Olds e Feldman “As competências motoras finas, tal como apertar os cordões dos sapatos, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar, envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos.” (2001, p.287) o que permite à criança ganhar uma responsabilidade por si própria. Nestas atividades de apertar os cordões dos sapatos, abotoar o bibe, *etc*, as crianças estão a ser responsabilizadas para os cuidados do seu próprio corpo. O mesmo se passa com as atividades de motricidade fina na escola, as crianças são responsabilizadas para serem o mais autónomas possível, apertando os atacadores, fazendo dobragens e melhorando a sua caligrafia.

CAPÍTULO 4 - CONCLUSÃO

Conclusão

Os Estágios em Jardim de Infância e em 1.º Ciclo do Ensino Básico, foram duas experiências essenciais para o meu progresso enquanto futura educadora e professora do 1.º CEB, onde coloquei em prática as aprendizagens efetuadas ao longo dos cursos de Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, e os momentos de experiência que adquiri de dia para dia.

Ao longo dos dois anos de mestrado, dei importância à parte teórica e, consequentemente, à sua aplicabilidade à parte prática pois, só adquirindo bastante prática “sabendo”, mas também “sabendo fazer” me posso tornar uma boa educadora e professora. Para o ser, não basta, apenas, saber os conteúdos e toda a parte teórica, é fulcral ter prática no que se faz, ou seja, aliar a teoria/saber científico à prática pedagógica/saber-fazer.

No decorrer, tanto da Licenciatura como do Mestrado, pude estar em contacto com vários tipos de realidade educativa, o que me permitiu observar e constatar outras formas e práticas de ensino-aprendizagem.

O contexto do desenvolvimento da motricidade fina dos alunos varia com inúmeros fatores. Na escola, todos os alunos devem ter oportunidade para desenvolver a sua motricidade e o professor deve colocar à sua disposição recursos materiais e didáticos, bem como, atividades diversificadas e enriquecedoras, para promover a aquisição e desenvolvimento dessas competências. Só, assim, o educador/professor poderá contribuir para o desenvolvimento global e harmonioso dos seus alunos.

Considero que aprendi novas estratégias para o desenvolvimento da motricidade fina nas crianças, o que é muito importante para o meu desenvolvimento profissional.

Num próximo trabalho, gostaria de poder usar a bateria de testes, *Movement Assessment Battery for Children - Second Edition (Movement ABC-2)*, criado por Sheila E. Henderson, David A. Sugden e Anna Barnett, no ano de 2007, seguindo todas as instruções implícitas ao referido estudo. Também poderia ser interessante verificar

se as crianças que apresentam determinadas características em relação à sua caligrafia têm idênticos desempenhos ao nível da motricidade fina.

Referências

Referências Bibliográficas:

- Azevedo, J. M. (1989). *Como avaliar a aprendizagem*. Madrid : Edições ASA.
- Barreiros, J., & Neto, C. (2005). *Desenvolvimento Motor e o Género. Faculdade de Motricidade Humana*. Universidade Técnica de Lisboa.
- Bessa, M. (s.d.). *Artes Plásticas Entre as Crianças*. Brasil: José Olympio Editora.
- BULGRAEN, V. C. (2010). *O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração*.
- CAETANO, M. S. (2005). *Desenvolvimento Motor de Pré-escolares no Intervalo de 13 Meses*.
- Educação, M. d. (s.d.). *Organização Curricular e Programas - Expressão e Educação: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica*.
- Flinchum, B. M. (1981). *Desenvolvimento Motor da Criança*. Interamericana.
- Fonseca, V. d. (1995). *Manual de Observação Psicomotora: Significação Psiconeurológica dos seus Factores*. Porto Alegre: Âncora Editora.
- Guiselini, M. A. (1987). *Tarefas Motoras para Crianças em Idade Pré-Escolar*. Clr Balieiro.
- Le Boulch, J. (2001). *O Desenvolvimento Psicomotor: Do Nascimento até os 6 anos*. Editora Artes Médicas Sul .
- Meinel, K. S. (1976). *Motricidade II - O Desenvolvimento Motor do Ser Humano*. Brasil - Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A .
- Mendes, M. F., Tilbery, C. P., Balsimelli, S., Moreira, M. A., & Cruz, A. M. (14 de Janeiro de 2020). *Scielo*. Obtido de Scielo: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2001000600010
- Muscolino, J. (2008). *O Sistema Esquelético e a Função Muscular*. Loures: Lusodidacta.
- O Papel do Professor e sua Medição nos Processos de Elaboração do Conhecimento*. (2010).

- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artmed Editora S.A.
- PersoneClinical. (2019). *Pearson Education Ltd* . Obtido de [https://www.pearsonclinical.co.uk/Psychology/ChildCognitionNeuropsychologyandLanguage/ChildPerceptionandVisuomotorAbilities/MABC-2/MovementAssessmentBatteryforChildren-SecondEdition\(MovementABC-2\).aspx](https://www.pearsonclinical.co.uk/Psychology/ChildCognitionNeuropsychologyandLanguage/ChildPerceptionandVisuomotorAbilities/MABC-2/MovementAssessmentBatteryforChildren-SecondEdition(MovementABC-2).aspx)
- Pires, C. (08 de Janeiro de 2020). *Home.uevora.pt*. Obtido de Home.uevora: <http://home.uevora.pt/~cpires/diagnost/Amostragem6.pdf>
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é refletir sobre o ensino*. Coleção Práticas Pedagógicas: Edições ASA.
- Saraiva, L., Rodrigues, L. P., Cordovil, R., & Barreiros, J. (2013). *Motor profile of Portuguese preschool children on thePeabody Developmental Motor Scales-2:A cross-cultural study*.
- Silva, I. L. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa - Ministério da Educação - Direção Geral da Educação.
- Sussams, J. E. (1987). *Como Fazer um Relatório*. Lisboa: Editorial Presença.
- Turco, B. P., Cymrot, R., & Blascovi-Assis, S. M. (08 de Maio de 2018). Caracterização do desempenho de destreza manual pelo teste caixa e blocos em crianças e adolescentes brasileiros. pp. 164-166.
- Turco, B. P., Cymrot, R., & Blascovi-Assis, S. M. (08 de Maio de 2018). Caracterização do desempenho de destreza manual pelo teste caixa e blocos em crianças e adolescentes brasileiros. pp. 164-166. Obtido de <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/146002>

Anexos

ANEXO 1

Questionário sobre a Motricidade Fina

No âmbito da realização do Relatório Final sobre a Importância do Desenvolvimento da Motricidade Fina no Pré-Escolar, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, gostaria de contar com a sua colaboração para o preenchimento do seguinte questionário.

Mestranda: Ana Luísa Aires Veneza

1. Acha importante o desenvolvimento da motricidade fina no pré-escolar?

Marcar apenas uma oval.

☐

Sim

☐

Não

2. Justificação da resposta anterior.

3. Concorda com as fichas de motricidade fina para o pré-escolar?

Marcar apenas uma oval.

☐

Sim

☐

Não

4. Justificação da resposta anterior.

5. Atividades realizadas no âmbito do desenvolvimento da motricidade fina?

6. Quais as atividades que resultam e porquê?

ANEXO 2 – Planificação das atividades realizadas com a turma do 1.ºCEB	
<u>Componente do Currículo: Expressão Plástica</u>	
<u>Atividade: Construção de origamis em forma de flores</u>	
Bloco	<u>Bloco 3 – Exploração de Técnicas Diversas de Expressão</u>
Domínio	• Recorte; • Colagem; • Dobragem.
Subdomínios	➤ Fazer dobragens; ➤ Fazer recortes; ➤ Fazer colagens; ➤ Construção de cartaz.
Atividades/ Estratégias	➤ Diálogo com a turma sobre o decorrer da aula e sobre a primavera; ➤ Distribuição das folhas brancas; ➤ Explicação das dobragens para a construção do origami em forma de flores; ➤ Construção do origami com as folhas brancas; ➤ Distribuição das folhas coloridas; ➤ Construção do origami com as folhas coloridas; ➤ Colagem das flores nas cartolinas; ➤ Escrita do nome da atividade na cartolina (A turma do 3ºano).
Recursos	➤ Folhas brancas; ➤ Folhas coloridas; ➤ Tesouras; ➤ Cartolinas; ➤ Colas; ➤ Caneta de acetato.
Avaliação	➤ Dobragem realizada pelos alunos; ➤ Recorte realizado pelos alunos; ➤ Construção do cartaz “O Jardim da turma do 3ºano”.
<u>Componente do Currículo: Expressão Plástica</u>	

<u>Atividade: Construção de origamis de borboletas</u>	
Bloco	<u>Bloco 3 – Exploração de Técnicas Diversas de Expressão</u>
Domínios	➤ Recorte; ➤ Colagem; ➤ Dobragem.
Subdomínios	➤ Fazer dobragens; ➤ Fazer recortes; ➤ Fazer colagens; ➤ Construção de cartaz.
Atividades/ Estratégias	➤ Diálogo com a turma sobre o decorrer da aula e relacionar com a borboleta (Mariposa) do bicho da seda; ➤ Distribuição das folhas brancas; ➤ Explicação das dobragens para a construção do origami de borboleta; ➤ Construção do origami com as folhas brancas para treinar; ➤ Distribuição das folhas coloridas; ➤ Construção do origami com as folhas coloridas; ➤ Colagem das borboletas nas cartolinas; ➤ Escrita do nome da atividade na cartolina (A turma do 3ºano).
Recursos	➤ Folhas brancas; ➤ Folhas coloridas; ➤ Tesouras; ➤ Cartolinas; ➤ Colas; ➤ Caneta de acetato.
Avaliação	➤ Dobragem realizada pelos alunos; ➤ Recorte realizado pelos alunos; ➤ Colagem realizada pelos alunos; ➤ Construção do cartaz “O Jardim da turma do 3ºano”.